

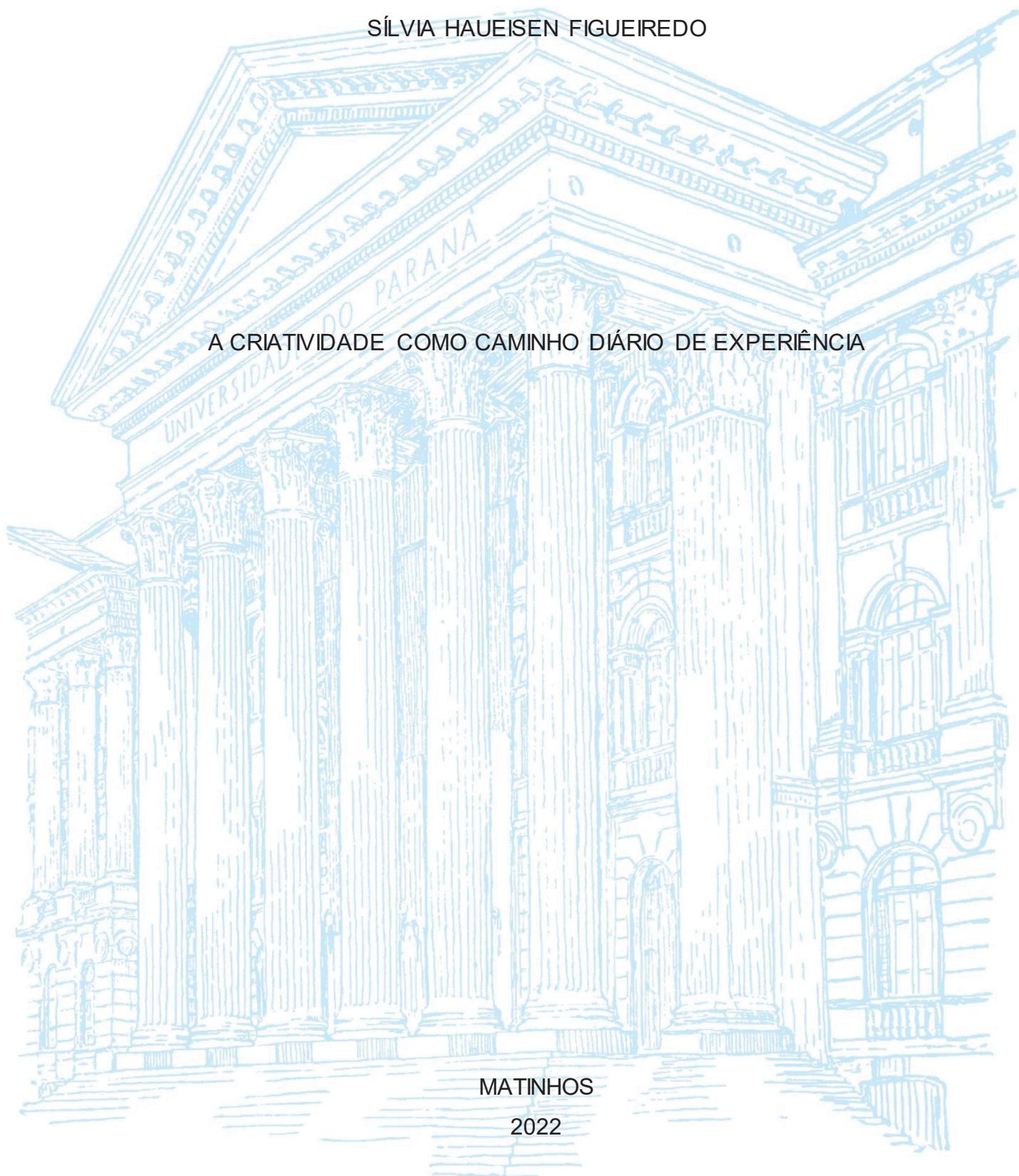
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SÍLVIA HAUEISEN FIGUEIREDO

A CRIATIVIDADE COMO CAMINHO DIÁRIO DE EXPERIÊNCIA

MATINHOS

2022



SÍLVIA HAUEISEN FIGUEIREDO

A CRIATIVIDADE COMO CAMINHO DIÁRIO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Christina Duarte Pires

Coorientador(a): Profa. Msc. Susan Regina Raittz Cavallet

MATINHOS

2022

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência sobre a importância de enfatizar que o ambiente que nos cerca, seja ele a cidade, a escola, a família, os amigos ou qualquer outro, pode nos ajudar a ter diferentes experimentações e entender onde nos sentimos mais à vontade. A conclusão, por meio dos relatos pessoais e experiências descritas no texto aponta para a conclusão de que a intuição sempre aponta a direção. Que existem muitas pessoas incríveis no mundo e quando fortalecemos a nossa crença nessa verdade, ela se apresenta a nós. Que transformar a educação não é algo fácil e nem rápido, mas que a cada dia estamos dando um passo. Que a criatividade alimenta a alma e nos leva além, nos ajuda a ultrapassar os obstáculos do percurso, a pensar em formas diferentes de fazer acontecer. Que cada indivíduo tem a sua potência e nenhuma é melhor que outra. Somos apenas diferentes e, somando as forças e habilidades, todos crescemos como árvores frondosas que formam uma floresta gigantesca, capaz de gerar vida e solo fértil para todos crescerem.

Palavras-chave: educação alternativa. escrita criativa. empreendedorismo criativo

*

partida

palavra de largada

ou de ida

Como sabemos que começamos?

Como se define o início?

Escrever sobre a nossa jornada é um desafio. Na primeira definição do dicionário, desafio é um substantivo masculino que quer dizer “Ação ou efeito de desafiar, de provocar alguém incitando esta pessoa para um combate, luta, guerra”. Escrever sobre um caminho trilhado não é um chamado para a guerra em si. Ou, pelo menos, não a guerra que primeiramente vem à mente. Essa não. Mas considerando que ela é um embate entre duas partes, podemos analisar de um jeito diferente. A jornada de cada um é um constante enfrentamento daquilo que fomos, do que acreditamos que somos, do desconhecido que vem adiante. Três partes que se misturam, dialogando, batalhando, estando mais quietas, vez em quando, e construindo o caminho. O caminho acontece no encontro, no movimento. As construções até existem quando estamos estáticos, mas elas mais se parecem com paredes que se erguem ao nosso redor fechando as passagens do que com estradas que se abrem e convidam a novos passos.

Mas, afinal, como sabemos que começamos? De acordo com a teoria dos encontros, do surgimento a partir do passado em interação com o presente e com as possibilidades futuras, basta existir para começar. Basta que a vida surja. Desde quando chegamos ao mundo, já estamos vivenciando uma construção. No início, podemos dizer que somos mais coadjuvantes dessa história, já que ainda somos dependentes e precisamos de auxílios externos. Não quero dizer se isso é bom ou ruim. Apenas é. É isso que garante a nossa sobrevivência. Se chegássemos ao mundo sós, a nossa capacidade de nos desenvolver saudavelmente até chegar à idade adulta provavelmente seria pequena. Existem, é claro, espécies de animais que já nascem um tanto quanto independentes e não precisam de muito para começarem a ser donos do seu próprio nariz. Bem, não é o nosso caso como humanos. Nascemos dependentes e assim ficamos por um considerável tempo, até que estejamos prontos para passar pelo processo de individuação.

Esse, segundo Carl Jung, “é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual”. Ainda tendo como base os estudos do Jung, a realização da unicidade do indivíduo é o principal objetivo desse processo.

Se, por um lado, essa forte identificação com o coletivo principal que nos cerca, que, na maioria dos casos, é a família, pode dificultar um pouco o nosso processo de amadurecimento pelo desafio de se enxergar como um ser particular, para além da comunidade que faz parte, por outro lado, estar inserido dentro dessas estruturas pode gerar apoio e sustentação para os passos que vamos dar.

Somos, então, formados e afetados por toda história que fez parte do coletivo em que nos inserimos antes mesmo de nós nascermos, antes mesmo de começarmos a fazer parte. É o conjunto de fatos e situações que formaram essa história que fez com que o ambiente e as pessoas se caracterizassem da forma como a encontramos quando chegamos ao mundo e é essa forma que vai, também, afetar o nosso crescimento.

*

Essa história se mistura com os fatos presentes e a forma com que os encaramos nos permite moldar o que pode vir a acontecer.

Eu nasci numa cidade do interior de Minas Gerais, chamada Teófilo Otoni, no dia 14 de março de 1995. Era uma manhã de terça-feira quando senti, pela primeira vez, o ar tocar a minha pele. Eu já tinha uma irmã, chamada Bruna, e a mais nova, a Laura, viria a nascer em 2000. Meus pais sempre foram muito presentes, unidos, corretos e esforçados para nos dar acesso ao melhor que poderíamos ter. Cresci num ambiente familiar bom, com familiares presentes, recursos disponíveis, carinho em abundância e tempo de qualidade compartilhado. Um privilégio, eu sei. E por que estou contando isso? Eu mesma faço essa pergunta agora. Mas, considero um tanto impessoal despejar um monte de ideias no papel sem contar um pouco sobre mim. Não gosto de coisas frias, nem mesmo comidas. Gosto de pessoas que olham nos olhos e falam sincero. E, mesmo um trabalho de universidade sendo baseado em fatos e pesquisas científicas, considero impossível não nos comunicarmos por meio da

nossa própria visão. Cada um tem um par de olhos que carrega consigo. Cada um vê o mundo de uma forma. Em qualquer atividade que fazemos, colocamos um pouco do nosso olhar. A própria criação de um trabalho já nos leva a isso: acreditamos em algo e buscamos ver se as nossas ideias podem ser validadas. O próprio ato de viver já nos faz enxergar o mundo com determinadas lentes.

É justamente por isso que comecei contando isso. Considero importante que todos que leiam esse trabalho levem em consideração as lentes que fizeram parte dos meus óculos até o atual momento. Não foi apenas um par. À medida que crescemos, vivemos uma mudança constante. O expandir de horizontes e trocar de lentes que se passou durante a minha vida. A construção de quem se é nos exige uma visita constante ao oftalmologista.

*

Vamos fazer uma brincadeira?

Espero que você tope a proposta.

Vou colocar aqui um conjunto de palavras. Escolha três delas e pense numa história da sua vida que se relacione com elas. Se sentir de fazer, escreva. Escrever nos ajuda a entender o que se passa, seja dentro ou fora. Também escolherei três delas para contar uma história para vocês. Assim, também me conhecerão um pouco mais.

Se você é mais desconfiado e acha que as palavras selecionadas serão um tanto quanto propositais, direcionando-me para histórias específicas, vou te contar como vou selecioná-las: ao meu lado, sobre a mesa onde meu computador está, num quarto de aproximadamente 9m², num pequeno apartamento de Belo Horizonte, existem alguns livros. Vou abri-los em páginas aleatórias e as primeiras palavras que encontrarem os meus olhos serão selecionadas.

Vamos lá?

multidão - sobreviver - apoio - habitante - verdadeiro - conquista - beber - natureza -

cotidiano - café - poeira - livro - onda - brilhante - paisagem - cão - morar - pombas

Escolha agora algumas e pense sobre as suas histórias.

Depois de tê-las na memória, continue a ler.

As minhas palavras escolhidas foram: livro, natureza e café.

Livro

O primeiro livro que li quando era criança se chamava “Meu estranho vizinho”. Não estou dizendo dos livros infantis, esses não me recordo bem. Digo o primeiro livro mais robusto, com um enredo mais complexo, mais páginas, menos imagens. Ele era encapado com um papel plastificado quadriculado com as cores branca e vermelha. Não era novo, minha mãe já havia lido ele quando era pequena. Ela me recomendou a leitura e eu, que não era uma grande fã de livros, aceitei meio inconformada. Confesso que não me lembro bem do enredo completo, mas apenas algumas partes isoladas. O menino, personagem principal da história, descobria que tinha um vizinho que era de Marte e tudo se desdobrava a partir dessa descoberta e desse encontro. Como será que é Marte? Confesso que me peguei algumas vezes imaginando. Criava, na minha cabeça, as cenas e imagens dos personagens. Demorei um tanto para terminar de ler, mas terminei. Uma grande conquista quando pequena.

Natureza

Eu não posso ver a palavra natureza que imediatamente já sou escolhida por ela. A palavra sempre me remete a passar um tempo em espaços verdes, arborizados, em contato com a terra, com os animais, com as plantas. Quando eu era pequena, gostava de observar as formigas e brincar com elas. Pegava algumas que achava pelo caminho e dizia que cuidava de cada uma. Me impressionava como haviam tantas espécies diferentes. Era um passatempo divertido. Hoje tenho uma visão mais ampla: percebo que sou também natureza. Percebo que tudo que criamos vem dela e também faz parte. Me fascina o restabelecimento dessa conexão e desse reconhecimento de todos nós como parte, não como algo separado.

No Netflix existe um documentário chamado “O começo da vida - parte 2”. Uma das partes que mais me marcou sobre ele é a cena em que o professor Renato Noguera comenta sobre uma experimentação feita: pediram para algumas crianças que vivem na cidade desenharem representações da natureza. Elas desenharam flores, árvores, animais.

Fizeram o mesmo pedido para crianças de uma tribo Yanomami. Elas desenharam, então, não só elementos da fauna e flora, mas, também, seres humanos e partes do próprio corpo.

Quando é que nós deixamos de nos reconhecer como parte?

Café

Em Minas Gerais, boas histórias são contadas em torno de uma mesa de café. Bons momentos são compartilhados quando tomamos um cafezinho no copo americano. Café me lembra a casa da minha avó Acélia. Ela morava muito próximo do apartamento em que eu cresci. Na casa dela, eu e minha irmã mais velha sempre íamos para brincar, principalmente na parte da tarde. Ela sempre fazia um café gostoso para nos deliciarmos. Achamos legal tomar café, coisa de adulto. Café coado no coador de pano. Nós misturávamos café, água e açúcar, de forma que ficava leve. Foi assim que aprendi a tomar. Com o tempo passando, o ritual começou a fazer parte de todas as manhãs. Me lembro com carinho dos cafés de domingo em que meu pai sempre acordava mais cedo que todos e preparava a bebida para compartilhar.

Esse exercício é simples, mas resgata memórias pessoais e afetivas. Não se incomode se vierem histórias tristes, elas também participam da nossa construção. Todos nós somos atravessados por momentos bons e ruins ao longo da nossa trajetória e não há como evitar que isso aconteça. Independentemente do que você guardou sobre cada palavra, uma coisa é certa: isso faz parte de quem você é.

*

Quero aproveitar o momento de resgate das memórias para contar um pouco também do lugar que fez grande parte da minha infância, a escola. Durante todo o tempo que morei em Teófilo Otoni, estudei numa escola cooperativa. Talvez eu não tivesse noção, até começar a trabalhar na área da educação, do papel que esse lugar teve na construção da minha personalidade. Crescer nessa escola me ensinou muito sobre autonomia, sobre trabalho coletivo, sobre empreender as próprias ideias. Primeiramente, porque a educação lá não era algo que estimulava os alunos apenas no âmbito mental. Ken Robinson, palestrante do TED Talk “Do schools kill creativity?” comenta em sua palestra que, atualmente, o modelo educacional foca no âmbito mental e esquece que, como seres humanos, o cérebro e a mente são apenas parte do nosso corpo. Para estimularmos a criatividade e nos mantermos abertos, é preciso que estejamos ligados a ele. Todo ano, na escola, tínhamos projetos que envolviam dança, música, teatro, pinturas e todas as formas de expressão pela arte. Esses eventos eram construídos não só pela direção e pelos professores: os alunos eram convocados a participar de cada detalhe. Me lembro bem de um sábado em que passei colando bandeirolas para festa junina. Tínhamos gincanas, éramos encorajados a dar o nosso melhor. Se aventurar ou não era uma escolha de cada um.

Além disso, a escola nos dava autonomia para empreender nossas ideias, mesmo que elas não dessem certo.

Haviam projetos sobre temas específicos em que tínhamos responsabilidade por ornamentar e cuidar de um determinado espaço da escola. Os professores estavam lá para auxiliar em todo o processo, mas os alunos tinham autonomia para criar.

Acho esse relato importante para enfatizar que o ambiente que nos cerca, seja ele a cidade, a escola, a família, os amigos ou qualquer outro, pode nos ajudar a ter diferentes experimentações e entender onde nos sentimos mais à vontade. Podemos enxergar onde desejamos evoluir mais. Podemos compreender nossos valores e o que queremos buscar a partir dali. É claro que, se não tivermos a sorte e o privilégio de estar inseridos em uma atmosfera confortável, ainda podemos fazer uma escolha, mas ela se torna bem mais difícil.

É bem mais simples desejar seguir numa direção quando ela já é meramente conhecida ou já foi, mesmo que um pouco, experimentada; quando o ambiente que nos cerca apoia o caminho, quando a maré nos conduz na direção.

*

Decidida a seguir meus estudos da melhor forma possível, fui estudar em Belo Horizonte no Ensino Médio, em 2010. A minha irmã mais velha já havia ido dois anos antes, e ela sabia exatamente o que buscava: estudar em uma escola que desse base para um bom vestibular, passar numa faculdade federal, estudar medicina. Eu, um pouco diferente, já não tinha tão claro assim o caminho que gostaria de seguir. Entretanto, mesmo ainda sem saber, mudar de cidade e procurar por uma educação de qualidade era algo que fazia bastante sentido.

Atualmente, olhando para trás, percebo o quanto a minha visão era distorcida em alguns aspectos: educação de qualidade, era, para mim, uma escola que nos dá um embasamento bom o suficiente para se sair bem no vestibular. Por esse motivo, até onde eu tinha estado, apesar de grandes aprendizados, era um lugar que não me saltava os olhos. Hoje vejo, também, que, na verdade, meu maior crescimento não foi com a escola em que fui, mas pela experiência de viver com a minha irmã e pelas descobertas nesse processo.

Afinal, o que é uma educação de qualidade?

O que é que conta quanto estamos pensando na formação dos jovens?

Como é a escola que educa?

Me formei no Ensino Médio e a escolha do curso a prestar no vestibular foi um processo de sofrimento. Lembro que a minha única certeza era: eu gostava de matemática. Achei, então, que o meu caminho era engenharia. Procurava nos catálogos e feiras de profissões do que se tratava cada uma delas, mas as descrições sempre eram sempre bem generalizadas e nada esclarecedoras. Como meus pais são engenheiros civis e eu, a cada pesquisa, entendia que a engenharia civil era a que me dava mais possibilidades, por ser mais ampla, depois de formar, escolhi por ela. Lembro que eu sempre me questionava internamente sobre o meu lado criativo e artístico, que era (e ainda é) muito forte. Parecia que aquela escolha era uma abdicação desse lado. Um decreto de seriedade, uma aliança com a vida adulta e uma visão de um futuro que não parecia ter tanta graça.

Por que acreditamos que temos que ser uma coisa ou outra?

A multiplicidade que abriga em cada um de nós, seres humanos, parece não caber nas caixas que parecem existir.

*

Passei no vestibular em 2012 e, em 2013, comecei a cursar engenharia civil na UFMG. No princípio, tudo era uma alegria e uma novidade. Encontrar novos colegas, passear pelo campus, almoçar no restaurante universitário, ir nas calouradas, estudar novos temas. Me engajei no primeiro semestre e a escolha me parecia ter sido certa. Apesar de não ter me saído tão bem quanto eu gostaria nas provas e estudos, gostava de estar naquele lugar e isso ainda falava mais alto. Gostava da interação com as pessoas, do ambiente, da energia que circulava ali. Quando estava no terceiro período, porém, algo começou a incomodar.

Não sei ao certo o que veio primeiro e o ponto de início de tudo, mas em certo momento, me percebi sozinha, fechada para a vida social e para os meus relacionamentos familiares, com amigos e amadores. O meu desempenho na faculdade estava ruim e eu estava triste e desesperada por esse motivo. Repetir um semestre era uma coisa impensável para mim.

Não havia permissões internas para isso. Minha mente tomou conta e falou mais alto que a minha presença e consciência. Desenvolvi um distúrbio alimentar que me deixou seca, em todos os sentidos da palavra. Não havia vida circulando. A energia era escassa e se perdia.

O que faz o nosso rio interno fluir?

Para a correção do ambiente psíquico, o rio precisa voltar a ficar limpo. Nessa história, não estamos preocupadas com a qualidade dos produtos da nossa criação, mas com a determinação e os cuidados para com nossa vida criativa. Sempre por trás do ato de escrever, de pintar, de pensar, de curar, de fazer, de cozinhar, de falar, de sorrir, de criar, está o rio, o *Río Abajo Río*. O rio debaixo do rio alimenta tudo o que criamos. (Trecho do Livro “Mulheres que correm com lobos”, pág. 346.)

Esse processo foi muito difícil de ser vivido. Enfrentar os olhares externos, o julgamento interno e superar foi algo que não aconteceu da noite para o dia. Mas, se tudo tem um lado bom, posso dizer que essa crise me fez começar a fazer terapia. A terapia, depois, levou a um amor profundo pelo autoconhecimento e, mais tarde, até aos estudos de uma metodologia de transformação pessoal que se chama Pathwork, programa de formação do qual ainda faço parte hoje em dia.

Entre altos e baixos, a crise também me ajudou a perceber que o que eu estava vivendo na faculdade era algo que não me nutria. Não era ali que eu gostaria de estar e eu sabia que algo dentro de mim sempre soube disso. Mas, então, qual era o caminho?

Silêncio

Vazio

Nenhuma resposta vinha

Segui na engenharia e em 2017 me formei.

Torcia internamente para que não me contratassem no estágio, assim eu teria uma desculpa para poder escolher o caminho que queria seguir.

Eu sei, isso é um tanto quanto covarde: colocar a culpa nas circunstâncias externas. Mas na falta de coragem, a gente encontra pontos onde se ancorar.

A coragem não é um sentimento que brota da noite para o dia. Coragem, como muitos já sabem, é agir com o coração. Para agir com o coração o primeiro passo é saber ouvi-lo.

Entender a sua linguagem, aprender a falar a mesma língua que ele. Como cresce em nós o aprendizado de uma nova língua?

O tempo.

É preciso voltar ao beabá, aprender o alfabeto, conjugar os verbos, reconfigurar.

Todo nascimento pede tempo de gestação.

Não adianta pressa, não adianta correria, não adianta querer “passar o carro na frente dos bois”.

Coragem é sentimento que começa plantando a semente e regando-a todo dia. Nutrindo o solo fértil que é a alma com o que ele precisa para fazer brotar e crescer forte.

Ainda com a semente, a coragem não estava forte para decidir, mas eu não fui contratada no local em que fazia estágio e em 2018 resolvi abrir espaço para não saber.

Fiz cursos livres, conheci pessoas, me reconectei com novos talentos.

E se toda crise tem um lado bom, foi aí que me aproximei novamente da criatividade e desejei entender mais como ela funcionava. Foi esse período que me fez cair de paraquedas no mundo da educação e querer ficar.

*

Comecei a trabalhar numa empresa de educação de Belo Horizonte, na criação de uma disciplina recém fundada, chamada Empreendedorismo Criativo, para jovens do Ensino Médio. Inicialmente, entrei com funções mais operacionais de produção de texto, o que só foi possível devido a um processo seletivo inovador que não exigiu o currículo dos participantes, apenas testou as nossas habilidades. Em pouco tempo comecei a participar ativamente da criação das aulas, dos conteúdos dos livros didáticos e da formação de professores. Me encantava cada dia mais por cada conteúdo novo que aprendia, pelo potencial das criações coletivas, pelo impacto da educação, pela força transformadora gigante que ela tem.

Me lembro bem de sair da primeira formação de professores da qual participei com os olhos brilhando. O cansaço não era páreo para a felicidade que havia dentro. Desde que conheci esse sentimento tenho levado ele como bússola para entender as experiências: imagine que a nossa energia vital é uma grande barra de chocolate. Cada quadradinho dela é parte componente, como, por exemplo, a felicidade no nosso trabalho, o bem-estar consigo, a saúde dos relacionamentos etc. A nossa energia física é apenas parte da energia vital. Se ela está baixa, mas muitos outros quadradinhos estão preenchidos, a nossa energia vital continua alta e é sinal de que há algo ali que preenche. Se não fizemos um grande esforço físico, mas nos sentimos sugados, existem ali outras áreas que estão carentes. Portanto, a atenção para o cansaço é algo que começou a chamar cada dia mais a minha atenção e, nesses

momentos em que eu me conectava com pessoas que acreditavam no poder transformador da educação, era claro que algo preenchia a alma.

Explicando um pouco mais sobre o Empreendedorismo Criativo, ela é uma matéria escolar que começou a ser desenvolvida por uma equipe desta editora, Mind Makers, a partir de onde era vendida para as escolas interessadas, que começam a aplicar o programa com seus alunos, tendo um professor-facilitador para isso. Ela é destinada para o público do Ensino Médio e tem a duração de 3 anos escolares. Um pouco diferente do que se imagina, ao ler o termo “Empreendedorismo Criativo”, o conteúdo não passar muito por ensinar a abrir um negócio. Eu e a equipe que participou de toda criação acreditamos que empreender é uma postura que utilizamos para encarar a vida, uma postura voltada para ação. Sendo assim, empreender seria todo o ato relacionado a tirar uma vontade do papel e transformá-la em ação, podendo ser, sim, o desejo de abrir a própria empresa, mas, também, aprender a tocar um instrumento musical, criar um canal no Youtube ou fazer uma viagem. Uma frase que sempre repetimos nos materiais criados é a de que “Empreender é um ato coletivo”: independentemente de quem teve a ideia do que deseja fazer e independentemente de quem vai liderar o projeto ou se irão existir ou não sócios na empreitada, toda vontade precisa de uma rede para acontecer. Por exemplo, podemos precisar de clientes para comprar a ideia, de colaboradores que nos ajudem no desenvolvimento, de mentores que auxiliem com ensinamentos em cada etapa ou pessoas que forneçam algum tipo de material de que iremos precisar. Nunca é algo auto suficiente, que não envolve uma rede. Saber se conectar com essa rede, identificar quem pode nos ajudar e entrar em contato também faz parte do empreender.

Já a criatividade, ela é uma habilidade que todos nós temos, uma potência de se pensar em diferentes formas de se fazer uma determinada coisa. Diferentemente do que muitos acreditam, ela não é um ato de magia ou um dom divino, um talento que ou você tem, ou viverá toda a vida sem. Ela é como um músculo: precisa ser treinado, fortalecido e nutrido para crescer, o que só acontece com treino e prática. Quanto mais exercitamos a criatividade, mais tendemos a viver a vida de um jeito criativo. Sim, porque ela não se relaciona apenas com a pintura, o desenho, a escrita. Tudo pode ser feito de uma forma mais criativa: desde a forma que tomamos café da manhã, a forma como nos vestimos e como vivemos a nossa rotina. A criatividade permeia todas as áreas da vida.

Há pessoas que acreditam que algumas ideias surgem, por exemplo, quando estamos tomando banho. Que existem aqueles momentos “Eureka!” em que tudo faz sentido e algo brilhante surge na nossa semente. Porém, se analisarmos as nossas próprias experiências pessoais em que isso acontece, uma coisa fica clara: geralmente temos um problema a ser resolvido para o qual buscamos uma solução. Ficamos observando aquilo por um tempo, tentando entender os mecanismos de funcionamento e pensando em possibilidades. Temos disponível todo o repertório que adquirimos na nossa vida na memória e ligamos a antena de alerta para enxergar ao nosso redor tudo o que parece ser útil para resolver a questão.

Enquanto tomamos banho ou relaxamos de alguma outra forma, a nossa mente tem tempo de decantar e processar as informações, fazendo as conexões entre elas. Assim, surgem as ideias brilhantes. Os momentos “Eureka!” não são mais que conexões que acontecem no nosso cérebro e, como foi dito, elas precisam de tempo e relaxamento para acontecer. É por isso, também, que, muitas vezes, mesmo algumas pessoas que consomem muitos conteúdos e vivem muitas experiências de vida ainda podem não se sentir criativos. É preciso abrir espaço para fazer as conexões.

Mas, então, você pode estar se perguntando: se todo mundo nasce criativo, por que é que algumas pessoas sentem que não o são?

A primeira resposta para isso, e talvez a mais simples, é o fato de que nós, seres humanos, tendemos a pensar a criatividade apenas relacionada a atividades artísticas. Então, se a pessoa não sabe logo de cara desenhar ou pintar, ela já se rotula como não criativa e fecha várias portas que poderiam conduzir a belos caminhos. Mas, se pensarmos na criatividade como nossa capacidade de pensar diferentes formas de resolver um problema, basta observar para refletir que a estamos usando diariamente. Vamos a um exemplo para ficar mais claro: você está conversando com um amigo, contando sobre a festa em que estive na noite passada. Você faz referência a alguém que conheceu e sabe que seu amigo também conhece essa pessoa, mas ele não lembra. Rapidamente, na nossa mente, quando isso acontece, surgem diferentes possibilidades para tentar fazer o seu amigo se lembrar: falar sobre as características físicas da pessoa, contar sobre como ela conversa, sobre o sotaque que têm, sobre onde ela mora, quem são seus melhores amigos, qual a relação que ela tem com algum conhecido... enfim, são muitas alternativas. Todas elas nos mostram a nossa criatividade em ação.

A segunda resposta para isso, aquela cujo foco é maior na disciplina do Empreendedorismo Criativo, é o fato de que, nós todos nascemos potencialmente criativos e precisamos desenvolver essa habilidade. Entretanto, à medida que vamos crescendo, diversas situações na nossa vida fazem surgir alguns bloqueios que limitam o exercício dessa habilidade. Os principais deles, listados no primeiro livro da disciplina são:

Eu não sou criativo!

Acreditar que a criatividade é um dom divino, que ou você tem, ou não tem.

Tenho medo da página em branco

Expectativas geram julgamentos, que travam o fluxo de criação. Você tem medo de dar o primeiro passo? Tem medo de fazer o primeiro rabisco?

É proibido errar

Se erros trazem aprendizados, por que temos tanto medo de errar?

Eu não sei isso, preciso ser um especialista

Pensar que você precisa ter todo conhecimento ou ser especialista no assunto te impede de criar coragem para dar o primeiro passo.

Se eu fizer isso, todo mundo vai me zoar

Talvez não, mas temos que admitir que há uma possibilidade. Mas e daí? Queriam. Ria de si mesmo.

Isso é impossível e pedir ajuda é ruim

Muitas vezes nos dizem que aquilo que vislumbramos é impossível, que precisamos ter os pés no chão, sermos racionais e acabamos por nem tentar. Sozinhos, realmente, não vamos tão longe, mas quando pedimos ajuda e contamos com um time, tudo se torna mais realizável. Como diria Walt Disney, se você pode sonhá-lo, você pode fazê-lo.

Brincar não é coisa séria

Por que brincar não pode ser uma coisa séria? Aprender não apenas pode, como deve ser divertido.

Não posso copiar

Ou será que pode? Por mais inovadoras que sejam, ideias novas são combinações diferentes de elementos conhecidos.

Uma coisa não tem nada a ver com a outra

É não enxergar os diferentes graus de associações e a infinitude de ligações que podem existir entre dois pontos.

Eu acho que coisas inúteis não têm valor.

A gente tende a acreditar que, se não tem sentido imediato, não tem valor, não merece que dediquemos energia.

Eu preciso ser igual a todo mundo e seguir todas as regras

A autenticidade e a sabedoria para questionar as regras e se colocar no mundo são combustíveis para a criatividade e a inovação.

Só existe uma resposta certa

Repertórios diferentes trazem interpretações e respostas diferentes para uma questão. “Nós podemos não saber qual é a resposta, mas nós sabemos que temos que nos dar permissão para explorar.” Patrice Martin — Diretor criativo e colíder, IDEO.org

*

Por que relacionar empreendedorismo e criatividade?

Porque se ao empreender estamos resolvendo problemas e buscando formas de tirar os nossos desejos do papel, a criatividade é a habilidade que nos permite pensar em diferentes formas de se fazer isso. Eles são, portanto, dois temas que andam sempre de mãos dadas. Além disso, do ponto de vista da educação, uma vez vi numa palestra a seguinte frase: “estamos educando, atualmente, jovens que vão se aposentar daqui a 50-60 anos, em média”. Imagino que há 50/60 anos atrás, ninguém imaginava como estaria o mundo hoje em dia, principalmente porque o avanço da tecnologia e o fato de ela ter se tornado bastante acessível fez com que muitas mudanças acontecessem e de uma forma extremamente veloz. Da mesma forma, não conseguimos prever, mas apenas fazer algumas suposições, de como estará o mundo daqui a 50/60 anos também. Como formar jovens para lidar, então, com um futuro que nem nós mesmos conhecemos?

A grande resposta para mim está no desenvolvimento de habilidades. Quando as exercitamos e desenvolvemos o nosso potencial de empreender e de criar, estamos aptos a nos adaptar aos diferentes cenários e conseguir colocá-las em prática. Isso contesta, de certa forma, o modelo tradicional presente na grande parte das escolas hoje em dia: aquele em que o professor é o foco das aulas e detentor de todo o conhecimento que deve ser transmitido aos estudantes. Nesse modelo, os alunos até podem ser capazes de absorver as informações, porém a aplicabilidade do conteúdo e o potencial de criação a partir desse conhecimento fica a desejar. Quando trabalhamos para desenvolver habilidades, os estudantes se tornam capazes de

transformar qualquer que seja o conteúdo em algo aplicável, criando o que for necessário para o momento e o contexto em que se inserem.

*

Na disciplina do Empreendedorismo Criativo, o centro do processo de aprendizagem é o aluno e, com isso, o professor passa a ter um papel mais de facilitador, daquele que guia o processo de aprendizagem do aluno, criando as condições necessárias para o aprendizado acontecer e ajudando cada um a fazer as perguntas certas e encontrar as respostas, bem como encontrar as informações necessárias e extrair, a partir delas, o conhecimento.

A trilha de aprendizagem da disciplina é composta de 6 semestres ou 3 anos:

No primeiro deles, o módulo Todos Somos Criativos, os estudantes serão introduzidos ao desafio de experimentar e se colocar num espaço livre de criação, onde eles podem pensar diferente e desbloquear a imaginação. A busca, ao longo deste módulo é pelo desenvolvimento, por parte de cada um, da capacidade de acreditar e investir no seu potencial criativo, o que acontece por meio de projetos e de dinâmicas que inserem os estudantes no universo do empreendedorismo e da criatividade

No segundo, no módulo todos somos empreendedores, os alunos são convidados a perceber que toda ação grandiosa, por mais que surja a partir da ideia de uma só pessoa, não acontece somente com o esforço de um. Empreender é um ato coletivo e que faz com que nos conectemos com os outros e com o ambiente ao nosso redor. Romper com os bloqueios existentes em torno da colaboração e da interação com o outro é fundamental para o processo fluir. Os estudantes colocam isso em prática com o desafio de criar um projeto coletivo, exercitando a empatia, a colaboração, a responsabilidade e a cidadania. A turma entenderá o poder do comportamento de um indivíduo dentro de um grupo complexo e diverso, do trabalho em equipe e do acolhimento das questões do outro, exercitando, para isso, o diálogo, a escuta ativa e a capacidade de observação e de reflexão.

Já durante o terceiro módulo e quarto módulo, que fazem parte do segundo ano da disciplina, os estudantes se aprofundam no entendimento do que é impacto positivo e na busca de quais causas os movem. A turma, dividida em pequenos grupos, irá desenvolver um projeto que busca resolver, dentro da própria escola, bairro ou cidade, um problema ou uma necessidade relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS). A partir da questão levantada e utilizando ferramentas de

projeto, os alunos irão trabalhar com o problema que desejam solucionar seguindo, para isso, a abordagem de projetos chamada Design Thinking.

O quinto módulo da disciplina é uma imersão na Era Digital. Com o mundo em constante transformação, onde a tecnologia está cada vez mais presente, o que muda? Quais são os novos formatos de trabalho que estão surgindo? Quais são os novos modelos de negócio que estão sendo criados? Como a transformação digital acontece? Essas são algumas perguntas que guiam a trilha de aprendizado do módulo.

Por fim, no sexto e último módulo da disciplina, os estudantes chegarão ao fim da jornada no Empreendedorismo Criativo, mas não só dela: eles também estão se aproximando do momento em que vão concluir o ensino médio e tomar algumas decisões importantes em relação ao futuro. Nesse contexto, os alunos conhecerão melhor a realidade de estruturação de um modelo de negócios e serão estimulados a refletir sobre os próximos passos que querem dar e sobre como aplicar todo o conhecimento adquirido até aqui para traçar caminhos futuros.

Toda essa trilha de aprendizagem que dura 3 anos é percorrida com aulas ativas e dinâmicas que colocam o aluno como protagonista do processo. As aulas do alternam sempre entre 4 tipos:

Aulas de repertório: aquelas em que o foco principal é o conteúdo e a exposição de novos temas.

Aulas de game: têm um jogo ou atividade dinâmica como atividade principal, a partir dos quais os aprendizados podem ser construídos.

Aulas de conexão: voltadas para criar a conexão entre o grupo e entre o facilitador e os alunos, desenvolvendo a empatia e a colaboração.

Aulas de projeto: aquelas em que os estudantes desenvolvem projetos e conhecem metodologias e ferramentas existentes para o trabalho.

*

Me encontrei como autora do Empreendedorismo Criativo. Exercitar o nosso potencial de criação para colocar algo no mundo que percebemos estar gerando impacto positivo e transformando, mesmo de pouco em pouco, a vida de alguém, é, acredito eu, algo que mais nos dá satisfação.

Nos últimos anos, tenho ouvido falar muito sobre propósito e entendo que a maioria das pessoas o entende como aquilo que nos move, que nos dá energia para

criar e para seguir em uma determinada direção. Isso não só relacionado ao trabalho, mas, também.

Considero sortudas aquelas pessoas que conseguem alinhar o seu propósito com aquilo em que trabalham. Mas, pessoalmente, não acredito que ele seja algo fixo e imutável. Acredito que, a cada fase da nossa vida, podemos ter um propósito diferente e que ele tem muito a ver com o entusiasmo de viver.

O que te dá entusiasmo?

Para mim, o entusiasmo surge da interação com as pessoas, de criar algo que gere impacto na vida de alguém. Também surge muito mais numa atuação local, me envolvendo em todas as partes do processo e lidando com as pessoas.

O entusiasmo é nossa fonte de vida. É ele que faz brilhar os olhos e dá sentido para o que fazemos, seja lá o que for. Seguir uma direção que não alimenta esse espírito, certamente não me leva a um lugar de satisfação. Cada ação, por menor que seja, se embasada no que gera energia de vida, transforma o mundo num lugar melhor. É como um ciclo: nos sentimos entusiasmados, criamos, e geramos algo que impacta positivamente.

O grande desafio para mim é perceber como alinhar o que me dá entusiasmo com um modo de vida; como criar uma profissão que faça sentido.

*

O Empreendedorismo Criativo, antes mesmo de ser finalizado, foi comprado por um grande grupo de educação de São Paulo, assim como a outra disciplina que também existe na Mind Makers. O processo de migração para essa nova realidade não foi fácil, ainda não está sendo. Na Mind Makers em Belo Horizonte, trabalhávamos com muita autonomia e de forma ágil. Nessa nova empresa, tudo é muito burocrático, vertical e difícil. As pessoas são menos abertas, as reuniões infinitas, a disciplina que criamos é pouco valorizada. Ao entrar, eu e todas as pessoas do meu time recebemos outras funções também, relacionadas a produtos educacionais. Felizmente, não deixamos nos perder os rituais de equipe que tínhamos e que nos fortalecem. Ouso dizer que é isso que nos mantém lá até hoje.

Entrando nesse grande grupo eu pude, também, perceber a educação de um outro lugar: saindo de uma empresa pequena onde o foco era criar produtos que faziam sentido, a entrada num grande grupo me fez perceber que, para muito além de soluções que resolvem problemas, também estamos lidando com um mercado capitalista onde é preciso ter cada vez mais lucro. Me questiono frequentemente se o

trabalho é, de fato, visando transformar a educação ou apenas ganhar dinheiro e fortalecer o sistema. Não tenho as respostas, ou talvez as tenha, mas prefiro acreditar que não. Se alinhar com o porquê fazemos o que fazemos é uma prática diária que nos mantém no caminho.

Tento fazer isso periodicamente: me questionar se onde estou está alinhado com o que eu acredito. Como as respostas para isso não costumam ser positivas, a busca tem que continuar. Foi por essa razão que, logo no início da pandemia, procurei uma pós-graduação que tratasse sobre novos modelos educacionais. Foi aí que encontrei a ANE.

*

A ANE é um curso de Alternativas para uma Nova Educação da UFPR Litoral e que, com a pandemia, passou a ser ofertado no modelo on-line. De início, fazer parte da terceira turma do curso foi motivo de grande entusiasmo. Estava animada para conhecer os colegas, entender como funcionava o curso e o que iríamos ver. Me surpreendi com uma estrutura diferente: um currículo construído em conjunto à medida que cada encontro ia acontecendo.

A princípio isso me gerou alguns sentimentos paradoxais. O primeiro deles foi algo parecido com estar perdido e não entender o que estava acontecendo. Ele me gerou certo incômodo, afinal, os encontros eram sobre alternativas para uma nova educação. Por que o novo gera tanto estranhamento? Percebi que eu, mesmo me considerando com uma mentalidade aberta, ainda estava me posicionando com uma mentalidade fixa, aquela dos tradicionais modelos de educação que colocam o aluno como indivíduo passivo do processo educativo.

Percebi que eu esperava que tudo fosse ditado pela organização e, quando isso não aconteceu, não sabia o que fazer. Olhando com mais distância a situação e fazendo o paralelo com qualquer processo de mudança, imagino que isso deve se passar com muitas pessoas que percebem que o modelo educativo atual não condiz com a realidade do mundo em que vivemos. Apesar da percepção, ele está alastrado por todos os lugares hoje e, pelos critérios até então estabelecidos, funciona. Mudar exige que aceitemos que estamos numa posição em que não temos todas as respostas. Exige humildade para não ter todas as respostas e construir junto: qual é o modelo educacional que atende a população e realmente é capaz de formar, integralmente, os jovens? Qual é o modelo que desenvolve as habilidades de cada ser humano?

Satish Kumar em seu livro “Solo, alma e sociedade” diz que cada indivíduo é como uma semente: toda semente tem, dentro de si, o potencial para se tornar uma árvore forte e saudável. Mas nem todas as árvores são iguais, nem todas as árvores produzem os mesmos frutos. O processo educativo, segundo ele, é o que permite que cada um se torne o que verdadeiramente é. Isso me leva ao questionamento: estamos hoje ajudando cada um a reconhecer o seu potencial e crescer ou apenas metrificando a quantidade de conteúdos que eles são capazes de se recordar? É difícil pensar em qualquer mudança sem que o sistema que avalia o aprendizado mude.

O segundo sentimento que estar diante de algo novo me gerou foi pertencimento. Me vi cercada de pessoas que enxergavam problemas no modelo de educação atual e, não só os viam, mas também atuavam buscando soluções. Pessoas que colocavam a mão na massa para tirar do papel as ideias em que acreditavam. Me vi feliz, com o sentimento de estar perdida, anteriormente citado, acolhido.

Por fim, o terceiro sentimento que veio à tona foi o conflito. Por trabalhar numa grande empresa que vende produtos educacionais para escolas particulares, o universo das alternativas educacionais sempre pareceu um pouco utópico e inalcançável para mim.

Enxergar a necessidade de mudança, me conectar com pessoas que estão criando novas possibilidades, mas me ver inserida no sistema capitalista me fez pensar que o modelo que se sustenta hoje segue forte porque, também, segue a lógica do sistema. Como, então, podemos criar a necessidade de novas soluções? Como fazer que elas sejam, também, viáveis do ponto de vista do sistema financeiro que vivenciamos, mas não percam a sua essência e não se corrompam? Essa pergunta ainda fica forte para mim.

Diante dos sentimentos e em meio a pandemia, acabei me distanciando da pós ao longo da sua duração. Alguns questionamentos pessoais também começaram a se intensificar, o que me levou a decidir deixar de lado e voltar ao curso num outro momento. Entretanto, já depois de algumas semanas afastada, o Leonardo Palhares, mentor da ANE, entrou em contato comigo procurando saber o que estava acontecendo e me chamando de volta. Sou eternamente grata por esse resgate. Ele me reconectou com a felicidade de estar num lugar de pertencimento e com o que me levou até a pós num primeiro momento. Resgatou, também, o que eu mais acredito e que citei muitas vezes aqui como algo que brilha os meus olhos: a conexão entre as

peças, o estar junto, o transformar junto. Afinal, nada muda se não formamos uma rede forte capaz de amortecer as quedas e dar segurança para os saltos.

A volta para a turma da ANE sucedeu no pensamento sobre este trabalho. Realizamos uma oficina com a turma sobre criatividade, eu e a minha amiga Mari Azzi. Foi um momento lindo de reconexão! Decidi que seguiria junto e forte com todos e, na última semana de junho, nos encontramos em Matinhos para fechar com chave de ouro o acontecimento ANE 3.

Durante a Conane Caiçara, também tivemos a oportunidade de realizar algumas oficinas de criatividade com as pessoas presentes. Uma delas foi uma brincadeira com palavras, que teve, como resultado, algo que podemos chamar de manifesto daqueles que ali estavam, um conceito em comum que acreditamos e seguimos:

“Um minuto de dores vai criar um deserto no coração. É preciso desatar nós para a criança permanecer sem medo em busca da dádiva do sol. Como luz na educação, o Brasil deve saber sobre o jovem ser protagonista para estabelecer a liberdade.”

Como sempre iniciamos outros ciclos quando também fechamos um, tenho certeza que esse fechamento também representa novas coisas a surgir. Em Matinhos, tive a incrível oportunidade de me conectar com todas as pessoas que já há algum tempo conhecia apenas pelo meio virtual. Alguns se tornaram mais próximos naturalmente, foram muitos abraços, sorrisos e muita conexão humana, conexão que alimenta o coração. Assistimos muita gente inspiradora falando, conhecemos a universidade, vivemos momentos únicos.

Saí com a certeza que nossa intuição sempre aponta a direção. Que existem muitas pessoas incríveis no mundo e quando fortalecemos a nossa crença nessa verdade, ela se apresenta a nós. Que transformar a educação não é algo fácil e nem rápido, mas que a cada dia estamos dando um passo. Não só quando trabalhamos na área, mas a cada escolha e atitude que temos. Que tudo fica mais leve quando temos pessoas inspiradoras ao nosso lado. Que a criatividade alimenta a alma e nos leva além, nos ajuda a ultrapassar os obstáculos do percurso, a pensar em formas diferentes de fazer acontecer. Que cada indivíduo tem a sua potência e nenhuma é melhor que outra. Somos apenas diferentes e, somando as forças e habilidades, todos crescemos como árvores frondosas que formam uma floresta gigantesca. Capaz de gerar vida e solo fértil para todos crescerem.

Obrigada a todos os envolvidos nesse processo!

UM CARINHO ESPECIAL A VOCÊS.